



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil

"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DOCUMENTÁRIO *PRO DIA NASCER FELIZ*, DE JOÃO JARDIM: É A EDUCAÇÃO PARA TODOS

Yvisson Gomes dos Santos[i]

RESUMO: O presente artigo fez alguns recortes do documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim (2007), através dos vieses das subjetividades (ABRAMOVAY & CASTRO, 2008) e dos aspectos sociais de alunos de escolas pública e privada do Brasil. Entendendo que as subjetividades perpassam também pelas juventudes como um plural. Os sentidos teóricos de infraestrutura e superestrutura foram levantados no *corpus* deste texto, no qual se observou que essas terminologias partem do viés marxiano, mas sem a pretensão de ser a panacéia teórica que elucidará por completo às origens das deficiências e acertos das escolas pesquisadas. Fizemos alguns apontamentos panorâmicos, mas não menos importantes, a muitos outros que poderiam ser feitos, pois a imensidão do projeto cinematográfico comporta diversas questões que podem ser evocadas a cada apreciação do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes, escolas pública e privada, realidade.

ABSTRACT: This article made ËËsome clippings documentary *Pro daybreak happy*, João Jardim (2007), through the bias of subjectivity (ABRAMOVAY & CASTRO, 2008) and social aspects of students from public and private schools in Brazil. Understanding that the subjectivities also pervade the youth as a plural. The theoretical senses of infrastructure and superstructure were raised in this text corpus, in which we observed that these terminologies depart from Marxist bias, but with no claim to be the panacea theoretical elucidate fully the origins of the shortcomings and successes of the schools surveyed. We made some notes scenic, but not least, the many others who could be made because the immensity of the film project includes several questions that can be raised each assessment thereof

KEYWORDS: Youth, public and private schools, reality.

Introdução

O presente artigo fez alguns recortes do documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim (2007), através dos vieses das subjetividades (ABRAMOVAY & CASTRO, 2008) e dos aspectos sociais de alunos de escolas pública e privada do Brasil. Entendendo que as subjetividades perpassam também pelas juventudes como um plural. Os sentidos teóricos de infraestrutura e superestrutura foram levantados no *corpus* deste texto, no qual se observou que essas terminologias partem do viés marxiano, mas sem a pretensão de ser a panacéia teórica que elucidará por completo às origens das deficiências e acertos das escolas pesquisadas. Fizemos alguns apontamentos panorâmicos, mas não menos importantes, a muitos outros que poderiam ser feitos, pois a imensidão do projeto cinematográfico comporta diversas questões que podem ser evocadas a cada apreciação do mesmo

A ideia de pensar palavras-chave como realidade. verdade. paradoxos. iuventude e iuventudes dentre

outras, fez-nos tecer observações panorâmicas sobre o tema dos alunos que frequentam as escolas públicas e uma privada do Brasil (como quis o documentário), na sorte de buscar rastreamentos, inquietações sobre quais as semelhanças e dessemelhanças sociais e subjetivas do universo pesquisado (ou seja, dos alunos das escolas públicas e uma privada) do filme de João Jardim. Algumas perguntas foram feitas e tentativas de respostas apresentadas, mas com a finalidade de não esgotar o tema, e sim de deixar em suspenso alguns pontos nodais do documentário, optando-se por algumas questões em meio a tantas outras que poderiam ser lançadas num *além mar* contínuo dessa produção fílmica.

Pensar as juventudes na atualidade, bem como a participação das mesmas na escola, quer seja em uma instituição pública, quer seja privada, nos leva a tentar buscar semelhanças e dessemelhanças de uma contextualização do ensino-aprendizagem que podem nos levar a uma percepção, ora distorcida da realidade, ora verossímil, com as conjunturas educacionais e sociais nas quais os jovens escolas pública e privada se assentam.

Podemos dizer que as semelhanças podem avalizar em um primeiro olhar uma *precipitação* quando se fala do comportamento dos jovens em diversas escolas, a saber: a educação que se dá em uma escola pública pode ser assemelhada a de uma escola privada, salvaguardando as experiências contingenciais da subjetividade multirreferenciada dos adolescentes, bem como da realidade sócio-cultural dessas escolas. Falamos acima de precipitação.

Tal palavra nos advoga a outras perguntas e inquietações que nascem do pensar a juventude ou as juventudes e, principalmente, do pensar sobre as disparidades que encontramos na sociedade capitalista (ou burguesa, em bom tom marxista) que nos é inerente. Algumas perguntas: existe diferença educacional e social de estudantes que estudam em escolas públicas da dos discentes que estudam em escolas privadas. As problemáticas do ensino-aprendizagem são idênticas aos alunos desses dois tipos de escolas. Qual a realidade, falando-se em realidade no sentido *lato*, dos alunos que nascem em famílias abastardas, em detrimento dos que nascem em comunidades periféricas e desalojadas dos centros urbanos considerados potencialmente desenvolvidos.

As questões podem e precisam ser pensadas. A iminência desse texto tem a finalidade de articular as perguntas citadas acima com a experiência vertiginosa do documentário *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, no qual tivemos a oportunidade de apreciar e de nos inquietar, conseqüentemente.

Temos duas vertentes a serem refletidas: a juventude ou juventudes nos diversos espaços escolares pesquisados pelo documentário, tanto socialmente, quando territorialmente. Bem como, e seguindo a primeira vertente, e já sendo uma segunda vertente: as disparidades de infraestrutura existentes nas escolas públicas do sertão pernambucano, dos subúrbios carioca e paulista, em contraponto a de duas escolas particulares e/ou privada de São Paulo, de acordo com o documentário.

O conceito da palavra *realidade* requer alguns apontamentos. Pelo dicionário Larousse (1992, p. 945) temos a seguinte definição: "Realidade: s.f. (b. latim *realitas*, *realitatis*). Qualidade do real. O que efetivamente existe". Então se pode dizer que realidade participa do real, daquilo que é existente. Indo um pouco além, temos outra definição desta mesma palavra. Agora colhemos essa informação da *internet*, onde localizamos uma aceitável descrição da palavra realidade, pensada e descrita por A. Ayala, a saber:

Na etimologia da palavra **realidade** já vem implícita a idéia da impossibilidade de um conhecimento pleno a partir dela. No latim a palavra *res* significa coisa. Por sua parte, ela deriva do grego *rei* que significa mudança ou aquilo que passa. Ou seja, se a realidade é aquilo que muda e não permanece, é impossível obtermos um conhecimento totalizador com base nela. Quando fazemos à realidade equivalente da verdade, essa verdade está condenada a mudar sem pausa (Online, 2013, grifos do autor).

Observamos que com esta definição podemos pensar um pouco além do proposto pelo Larousse, quando este dizia ser a realidade tão-somente agregada ao real. Agora temos outra partícula que é *res* (coisa em latim) e *rei* (em grego) que se inscrevem em algo que existe, mas que existe em transformação.

Tal mutabilidade da acepção da palavra *realidade* ganha outros sentidos quando a entendemos localizada com a palavra *verdade*, oferecendo sentidos de infinitos significados, não confinados a uma só demarcação, mas passíveis de revisitações e transformações nos processos sócio e ideativo das mesmas.

O documentário é tratado pelo verniz da realidade social, sendo essa realidade transformável, modificável em ambientes escolares díspares. Ou seja, escolas públicas têm sentidos diversos, realidades diversas da escola particular pesquisa. E qual será essa realidade Como ela se caracterizará dentro dos microespaços pesquisados É possível haver realidade, como algo existente em si, desvinculada do processo social É o que chamamos de superestruturas (epistemologias, ciência, saber, entendimento) a possibilidade de acordo, de vínculo com a infraestrutura (meios materiais de produção) passíveis de serem vinculadas umas as outras em consonância

A humanidade se fez e se faz naquilo que ela produz, sendo essa produção modificadora da natureza, e que esta é transformada pelo homem em condições perenes e constantes. Quando colocamos as terminologias infraestrutura e superestrutura, não restam dúvidas que tomamos emprestado do pensamento de Marx. Na sua volumosa obra, *O Capital* (Cf. MARX, 1996), o economista e filósofo menciona essas duas terminologias com suas definições particulares e que foram expostas no parágrafo acima.

Fazendo um *link* com o documentário, acreditamos que quando há melhor condição física de um determinado estabelecimento escolar, existe um considerável amoldamento educacional dos alunos e dos professores no que se observa um ensino-aprendizagem de excelência.

A escola privada (vamos primeiro a ela para pensarmos posteriormente à pública, de acordo com a nossa percepção) no imaginário coletivo é aquela que sendo paga, havendo uma “troca de moeda” explícita, tem melhores condições de estruturar o ensino e de fazer com que professores e alunos se sintam minimamente confortáveis para o ato fundador da educação: o saber ou a relação com o saber. Podemos dizer que esse saber é formado pela construção pessoal e social do sujeito no decurso de sua vida. Entretanto temos de pontuar que existem algumas questões com relação a esse saber estabelecido, que de acordo com Chavallard (*apud* CHARLOT, 2005, p. 43):

A expressão ‘relação com o saber’, que serve de emblema à nova conceitualização considerada, é, em um determinado sentido, enganosa: ela não designa um acréscimo ou uma ‘correção’ no mundo já superpovoado das noções pelas quais se descreve habitualmente o cognitivo e suas extensões (‘afetivas’, por exemplo). Em outras palavras, não se trata, ao introduzir esse conceito, de aumentar simplesmente o repertório dos conceitos envolvidos hoje em dia [...], mas de reformular os termos primitivos da teoria – um certo número de termos antigos, tais como aprender e saber (como verbo), por exemplo, que se tornam com isso termos derivados.

A ideia do saber introduz outras questões que partem de conceitos antigos aos contemporâneos. Pesquisar o saber força-nos a entendê-lo em suas polissemias. Temos o saber que nasce das acepções socráticas do *Conhece-te a ti mesmo*, bem como de desdobramentos que nascem nos séculos XIX e XX, tal como o *Cuidado de si* foucaultiano, bem como o saber-desejo de origem psicanalítica. Essas pluralidades da palavra saber nos são endereçadas a uma intenção neste texto: de tentar compreender como o conhecimento aliado a realidade social de alunos do ensino médio de escolas públicas e privadas, de acordo com o documentário, relacionam-se mutuamente, e quais as suas semelhanças e dessemelhanças

no tocante as subjetividades (termo este que será posteriormente esclarecido).

Na película, as questões elementares do processo educativo nas escolas privadas eram de outra ordem, qual seja: de questões de cunho existenciais. Os alunos destas escolas acumulavam questionamentos sobre: “sempre fui uma boa aluna, uma CDF, e hoje sofro por não ter rapazes que me queiram, por ser estudiosa demais. Desculpe, mas me emociono com isso que estou falando agora” (DOCUMENTÁRIO, 2007) Outra aluna: “estou pra ser avaliada pelo conselho de classe. Estudei com professores particulares desde então para fazer a avaliação final (...) pensei em suicídio numa época, mas meu professor de filosofia é fera, me salvou” (Ibid, 2007), dentre outras.

O que se quer falar é que, *a priori*, numa leitura apressada do filme (e acreditamos que tenha sido até proposital a forma como foi colocada no documentário a fala das personagens, na metade e no fim do mesmo), pode-se conjecturar que os alunos da escola particular, detendo maior poder aquisitivo e melhores condições para estudar, têm garantidos outros tipos de problemáticas que não sejam necessariamente advindas da díade professor e aluno, ou de uma má construção epistemológica do ensino-aprendizagem. Observou-se que fracassar em escola privada é um engodo, pois não há interesse do sistema educacional privado em promover esse expediente, também não há fracasso na estrutura física da escola, nem na formação de professores com relação à preparação dos mesmos a regência de suas aulas.

Parece-nos que tudo é perfeito nessa escola. As inquietações são de teor mais “refinado”, mais “polido” e, aparentemente, de outra ordem de questões que se mostram verticalizadas, apartadas de “falta” e de necessidades elementares das “escolas marginalizadas”, no sentido de postas a margem da sociedade burguesa (suburbanas e interioranas). Perguntamos: essas questões são verdadeiras. Afirmamos: Não e sim.

Elas são falseáveis nos seguintes sentidos: as questões mais refinadas ou elaboradas dos alunos da escola privada com os da escola pública permanecem as mesmas, todavia em *mascaramentos* diferentes. Quando uma aluna da escola pernambucana diz que gosta de escrever, “tem traquejo para a coisa” (DOCUMENTÁRIO, 2007), que tanto escreve poesias quanto lê com frequência obras de diversos escritores brasileiros e é uma excelente aluna, temos um paradoxo implantado. Quando um aluno do subúrbio carioca enuncia que têm boas notas em sala de aula, entretanto não se comporta bem, por razões de foro íntimo, mas cumpre com seus deveres e obrigações, estamos em frente a outro paradoxo.

As disparidades dessas escolas são abissais. Temos com toda a certeza jovens que gozam de plenitude, no sentido de expressão de seus afetos e aprendizagem (oficinas de *fanzines* os ajudavam a estreitar a educação com a arte, bem como oficinas de canto e cultura afrodecendentes que estimulavam e colocavam os discentes mais uma vez em uma *Paidéia* artística etc., isso na escola pública do Rio de Janeiro. Já os da escola privada paulistana aludiram, alguns, que faziam natação, balé, dentre outros).

Podemos dizer que de uma forma geral as juventudes partem de paradoxos, repedimos; e que vão além de uma qualidade física da escola, bem como dos conhecimentos teóricos dos professores, que obviamente estes reclamam da má qualidade educacional do Estado, mas mesmo assim estão afinados com a proposta de educar os seus alunos, custe o que custar. E aonde estariam os gérmenes de nossas investigações, além do assoalho do Capital, sem a percepção dos paradoxos da juventude. Recorremos a Machado Pais que assim nos diz:

Aos diferentes sentidos que o termo juventude tem tomado e às manifestações de sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar – nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais – chamarei, em termos latos, os paradoxos da juventude (1990, p. 140-141).

A relação dos alunos com o futuro foi marcada insistentemente no documentário. Pensar a realidade social, aos *modos de pensar e agir* é um determinante que Machado Pais chama de paradoxal. Ou seja, a relação sujeito e sociedade é inerente a própria identidade da juventude, ou como proposto acima, das identidades, pois estamos diante de pluralidades.

O documentário de João Jardim tipifica os indivíduos pesquisados como plurais, em contextos sociais diferentes. Podemos dizer que o recurso da subjetividade afia-se com as subjetividades dos alunos, e mesmo que elas existam *quase* que idênticas em alguns momentos, não se podem dizer que sejam *totalmente* idênticas.

As repostas das questões levantadas no começo deste texto são aos poucos reveladas.

Devemos dizer que pelo *socius* a infraestrutura é fator determinante para o processo de desenvolvimento intelectual do indivíduo (Cf. MARX & ENGELS, [sd]). Concordamos. E a isso responde a questão de que uma boa escola, com infraestrutura adequada faz com que as inquietações dos alunos sejam diferenciadas.

Ora, se uma escola não tem apagador ou quadro negro, em oposição à outra que tenha esses recursos e tantos outros, poderemos concluir que as questões *refinadas*, serão mudadas para questões mais emergenciais na escola que requer demandas primárias. Não se pode pensar *suficientemente bem* com ausência de materiais pedagógicos adequados e estrutura física consideravelmente satisfatória de uma escola; falamos de pensar no sentido de compreender que as necessidades primárias urgem em detrimento das secundárias. Exemplificando: não se pode *pensar* sem se alimentar primeiro. Nos confins do Brasil temos uma frase popular que diz: “saco vazio não fica de pé”. Essa é uma metáfora com a finalidade de explicar os precipícios existentes entre a escola pública e particular, e que poderiam se desdobradas em tantas outras.

Entretanto, podemos retomar agora a ideia da subjetividade. E como podemos definir este termo

A subjetividade é um sistema organizador do mundo interno e do mundo externo do sujeito, construído nas relações interpessoais e por sua influência. Ela se manifesta na singularidade e na peculiaridade de cada um, podendo ser conhecida ou desconhecida. Esta subjetividade permite ou obstrui o desenvolvimento e o crescimento pessoal. Impede ou resgata lembranças do passado que se mostram e interferem no presente. (ALMEIDA & PETRAGLIA, 2006, p. 13-14).

Podemos aferir, desta feita, que a subjetividade caracteriza, organiza, constrói e constitui o sujeito. As peculiaridades dele são pontualmente intrínsecas, envolvidas em lembranças passadas e presentes, numa relação contemporânea e extemporânea de sua realidade social e ontológica, e também como “aquela pessoa a que se alude durante o discurso ou narração, ou que é o personagem principal dela” (LAROUSSE, 1992, p. 1058).

As transcrições das falas dos alunos nas escolas privada e pública deixam-nos com a ideia de que o discurso dos alunos pesquisados fala muito, diz muito em sentidos diversos, e é nesse mote que se constrói as *subjetividades* (Cf. ABRAMOVAY & CASTRO, 2008).

Esses sentidos podem muito bem ser aliados aos de Frege, como sendo “o sentido de um enunciado [...] o pensamento que exprime a referência de um enunciado [...] o seu valor de verdade” (PENCO, 2006, p. 60). Ou seja, o valor semântico de um enunciado recorre a um valor de enunciado de verdade. Os alunos da escola privada falavam de suas realidades como temas próprios, únicos, da mesma forma a aluna do ensino público dilatava suas inquietações com o desejo de ser professora (estava cursando o magistério), como sendo uma verdade necessária a si mesma. Podemos dizer que as peculiaridades de cada discurso remetem-nos sempre a um sentido, e que tomamos esse sentido do *corpus* teórico fregeano, como

ilustração.

E como isso poderá ser traduzido nos espaços escolares mediante as inquições advindas de nossa percepção sobre o documentário de João Jardim Como é olhar um aluno da escola pública do nordeste e regiões sulistas em contrapartida ao aluno da escola privada de São Paulo pelo viés das subjetividades e do viés social, de acordo com as percepções que a película nos trouxe

O olhar do aluno do nordeste sobre a sua situação do real é completamente diferente da do sulista. As condições sociais não são iguais, todavia os conceitos intrínsecos de cada sujeito ou educando reclamam independência e particularidades com relação ao saber (episteme). Ou em casos de disparidades sociais explícitas, teremos assim uma leitura de mundo diferente dos dois pólos: o do abastardo e do infausto.

Desta sorte, podemos dizer que as questiúnculas dos alunos das escolas privadas não são mais ou menos “refinadas” dos que da escola pública: são diferentes, isso sim. Sem perder de vista as peculiaridades de cada uma e suas complexidades. A aluna de Pernambuco, por exemplo, queria ser professora. Gostava de ler poemas, escrevia bem, era uma verdadeira *sebastianista*, a saber, era saudosista. Tinha a literatura como prazer. De outra forma a aluna da escola particular que era considerada estudiosa ao extremo a ponto de perder pretendentes para namoro, nutria interesse por olimpíadas de matemática, sendo, posteriormente, ingressada na USP. O que se nota é que as particularidades são claras, e os gostos pelo estudo são manifestos. A de Pernambuco estava concluindo o magistério, e a de São Paulo estava na universidade (no fim do documentário). Realidades diferentes, mas com objetivo semelhante: o conhecimento.

Amiúde, podemos aventar que as realidades intrínsecas dos alunos com relação a busca de conhecimento é uma característica em comum (no nosso recorte), mas temos que observar que as realidades sociais são ponderáveis de verificação, restando-nos dizer que:

os alunos devem construir uma relação de unidade para seus estudos; devem estar à altura de estabelecer uma relação entre seus esforços e benefícios que esperam em termos de posição social. É claro que esta relação é mais fácil de se estabelecer quando os atores se encontram no topo das hierarquias escolares, lá onde as esperanças de integração e de mobilidade são fortes (DUBET, 1998, p. 30).

Seria desonesto de nossa parte não ratificarmos a ideia de hierarquização social dos alunos das escola privada em detrimento das escolas públicas como fora mostrado no documentário. A certa altura do trabalho fílmico notou-se que existam facilidades para as classes abastardas em educar-se do que para as desfavorecidas. A mobilidade e facilidade eram mais explícitas, ou quase que totalmente claras aos estudantes da classe economicamente rica, ao invés dos da classe pobre.

Os abismos que avizinham as realidades sociais dos discentes ora sulistas, ora nordestinos eram distópicos. A bem da verdade, a nossa intenção também foi de mostrar que em meio a diversidade, existe uma diversidade maior - as subjetividades - que podem ser compreendidas através do estudo não somente escolar, curricular e normativo, mas da compreensão do aluno frente as suas particularidades e com elas alavancar ou não seus estudos.

O aluno é aquele que detém uma identidade e que esta identidade deve perfilar sua construção ontológica, e isso se faz tanto observando os elementos exógenos (escola, cidade, cultura, renda familiar etc), mas, principalmente, os endógenos que são formados pela construção da autonomia individual e pelas multirreferencialidades desta mesma autonomia. O documentário pontuou, a nosso ver, essa perspectiva, sendo uma obra que permanece em um contínuo, em uma constituição tanto estética, quanto social. E assaz social.

Apontamentos finais

Fica-nos claro que o documentário nos trouxe inquietações, e elas em alguma medida foram colocadas a mesa e degustadas com parcimônia. A escola deve ser um local de prazer, não se esquecendo das obrigações inerentes a mesma, mas que este prazer seja do saber-aprender, saber-ensinar, saber-sabor (estas últimas palavras são etimologicamente iguais).

Há diferenças exógenas entre escolas públicas e privadas como mostrou o documentário. Na realidade essas diferenças são de ordem ora elementares, ora de ordem conceituais.

Elementares no que se observou a carência das escolas públicas no tocante a uma infraestrutura mínima para aprender e ensinar (paupérrima). A escola privada trabalhava com excelência, e detinha melhores resultados nos vestibulares e ENEM, enquanto que na escola pública necessitava-se de ônibus para uma longa viagem, que muitas vezes acontecia somente três vezes na semana, prejudicando totalmente a integridade do currículo escolar.

Na ordem conceitual foi pensado de que se não há uma infraestrutura adequada numa escola, como poderia haver uma superestrutura adequada. Ficamos sabendo que essa pergunta não é aporética, mas conclusiva. E não se pode também deixar de lado um outro pólo da questão que são as subjetividades como igualmente relevantes ao construto intelectual e afetivo dos alunos.

No mais, fica-se com a certeza: a educação brasileira precisa ser revisitada, no sentido de melhorada, ampliada. O documentário *Pro dia nascer feliz* alertou-nos sobre essas emergências, sobre o Brasil de 2007 e suas escolas, que permanecem nos nossos dias de 2013 quase que intocadas com relação a mudanças necessárias e imprescindíveis. Essa última constatação advém dos números vexatórios do IDEB que aqui em Alagoas, por exemplo, vem caindo consideravelmente. É um alerta tanto a nós professores e estudiosos da educação, quanto da União, Estados e Municípios. Algo precisa se fazer mudar, e somente com a educação de ponta teremos uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. G. (coord.) **Juventude, Juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006

ALMEIDA, C. e PETRAGLIA I. (Orgs.) **Estudos de Complexidade**. São Paulo: Xamã, 2006.

AYALA, A. **O fundamento da realidade**. Disponível em <> Acesso em 20 de julho de 2013.

CHARLOT, B. **Relação com o saber: formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto alegre: Artmed, 2005.

DUBET, F. **A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização**. In.: Revista Contemporânea e Educação, ano 3, vol. 3, 1998.

JARDIM, J. **Pro dia nascer feliz**. Documentário. Duração 88 min. Rio de Janeiro: Globo filmes, 2007. Cópia DVD.

LAROUSSE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nova cultural, 1992.

MARX. **O Capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARX & ENGELS. **Manifesto do partido comunista**. Tradução Antonio Braga. São Paulo: Editora Escala, [S.d.] (Coleção grandes obras do pensamento universal – 71).

PAIS, M. Buscas de si: identidades e expressividades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. &

EUGÊNIO, Fernanda. **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PENGO, C. **Introdução a filosofia da linguagem**. Tradução de Epharaim Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

[i] Mestrando em Educação - PPGE/CEDU/UFAL